

# *Balada das águas mortas do Rio Doce*

*Balada das águas mortas do Rio Doce* – William Soares dos Santos

**Biografia do autor:** William Soares dos Santos é Mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ e Doutor em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, Professor da UFRJ e escritor.

**Resumo do Texto:** Poema sobre a tragédia do Rio Doce.

Tento  
apreender  
as rodas do vento,  
as rodas do ar,  
as voltas do rio,  
as voltas do tempo.

Quanto senso  
é necessário  
para fazer renascer  
as águas mortas  
pela infâmia?

Era uma vez um rio surgido  
da Serra da Mantiqueira  
e de suas entranhas.  
Do encontro  
das águas do  
Carmo com as do Piranga  
e, que por sua lida,  
inundava com seu bastião  
toda aquela vida.  
Era um amor profundo  
que tornou, das terras,  
aquele vale  
o mais fecundo.

Rio Doce era o seu nome.  
Quanto tempo o rio levará  
para renascer da vida  
o seu enxame?  
Se estão as suas águas mortas,  
ao reviver, será o mesmo rio,  
com as suas vias tortas?

Ou será outro rio, ressurgido  
de suas margens açoitadas,  
e de suas  
ondas abortadas?

Poderá renascer o rio,  
depois de ter sido devorado  
em suas entranhas?  
O que o salvará?

A mão dos homens  
e suas barganhas?

Quanto tempo leva,  
o Rio Doce,  
a desaguar no mar  
desde o seu nascimento?  
Quanto tempo a  
nostalgia das ondas em seu  
imorredouro sofrimento?

Quanta água leva,  
até a gênese do rio  
e o seu correr?  
Terão as correntes  
a sua própria  
estação de nascer?

De aprender a achar seus caminhos,  
de amar outras nascentes e  
desandar dentro  
da terra seus carinhos?

A barragem da mineradora  
era mal formada,  
porque por homens construída.  
Como deter a força da água enlameada,  
quando ela irrompe, com seus vórtices,  
desinibida?

Quanto tempo gera o tempo,  
para apagar dos homens  
os seus querereres  
e a sua antiética política  
de mal amados seres?

De quem é a culpa  
da morte do Rio Doce?  
Da empresa  
e seus escrúpulos?

Há uma voz que clama  
além de nossa vontade,  
há uma voz que diz que nós

enterramos o rio com a nossa  
quotidiana vaidade.

Nós somos aqueles  
que sustentamos  
a ganância que leva ao inchaço.  
Nós e a  
nossa ambição do fútil,  
cobiça do ouro,  
cupidez do aço.

É das entranhas da terra que  
retiramos a matéria da máquina  
que expomos aos  
nossos vizinhos com tanto orgulho.  
É das vísceras da pátria que  
retiramos as vigas para sustentar o nosso  
civilizatório e nebuloso futuro.

Agora, às margens de Colatina,  
quase tudo morreu.  
Inclusive a narcísica figura  
do que pensei que fosse eu.

Hoje não me vejo no rio,  
ele não reflete mais a antiga imagem.  
Aquilo que ele de mim revela  
não é mais do que uma miragem.

É como se um ser abandonado se  
negasse a querer nos ver  
como um castigo para uma culpa indizível,  
uma culpa que deveria permanecer,  
por decênios, inesquecível.

Das águas mortas do Rio Doce,  
inimagináveis criaturas surgem  
percebendo o seu trágico fim.  
Seres que por olhos humanos urgem,  
agora subjazem à morte das águas  
e revelam o seu morto mistério assim.

Seres subaquáticos de uma resistência indizível,  
subjugados são pela morte de sua morada,

antes guardiã de seu segredo invisível,  
igualmente o seu manto, mãe e alvorada.

De que adianta um poema insone,  
uma balada fria,  
diante  
da dor infame?

Diante da morte que subtrai o  
irreparável  
e da vida que perde o seu útero  
inexpugnável?

Quem renovará o destino das águas  
que, agora, ganham vida somente  
quando brotam das lágrimas  
dos olhos sedentos dos homens,  
das mulheres aflitas e das  
crianças insones?

Aproveitemos para chorar  
enquanto, do breve futuro,  
restar,  
a lembrança, dos dias divinos,  
que  
já não haveremos de deixar  
de  
herança para nossos filhos.

Eis que, assim,  
em nossa triste e  
breve aventura pelo  
mundo  
vamos tornando o nosso coração  
mais imundo,  
matando, pouco a pouco,  
aquela que deveria ser  
a mais grandiosa  
realeza:

a humilde e generosa  
Natureza.